# Terceira carta — Genuflexão dos anjos no Antigo Testamento (continuação)

> **Sumário.** Anjo dos meninos na fornalha. — Anjos de Daniel. — Demonstração popular da existência de Deus.

*20 de junho.*

Meu caro Frederico,

São Paulo nos diz que todos os anjos dobram o joelho diante de Nosso Senhor Jesus Cristo. Minha última carta nos mostrou um dos sete grandes príncipes da corte celeste, o arcanjo Rafael, fazendo a Genuflexão diante do Altíssimo e vindo, com a docilidade de um humilde servidor, cumprir em favor de Tobias a caridosa missão que lhe fora confiada.

Veremos em breve um de seus sete colegas, não menos ilustre que ele, o arcanjo Gabriel, fazer a Genuflexão diante de Deus e vir revelar a Daniel os mais importantes segredos do futuro. Contemplemos primeiro outro anjo dobrando o joelho e acudindo em socorro dos três jovens hebreus na fornalha de Babilônia.

IV. — Vencedor de Jerusalém, Nabucodonosor, rei de Babilônia, levara cativa grande parte dos habitantes, entre outros os membros das mais nobres famílias. Desse número eram três rapazes de uns quinze anos. Inteligentes e bem-feitos de corpo, Nabucodonosor quis tê-los em sua corte, com a intenção de elevá-los à categoria de seus principais oficiais.

Quando atingiram a idade, nomeou-os intendentes das magníficas obras que mandava executar na província de Babilônia.[1] Para prendê-los mais a si, fazendo-lhes esquecer que eram da raça dos cativos, mandou-os mudar de nome. Os três jovens Judeus Ananias, Azarias e Misael tornaram-se os babilônios Sidrac, Misac e Abdênago.

A exemplo desses gigantescos monarcas do antigo Oriente, e mais tarde a exemplo dos Césares do Ocidente, Nabucodonosor teve a pretensão de julgar-se deus e, a esse título, quis ser adorado. Um dia chamou os mais hábeis operários de seu reino e lhes ordenou que lhe fizessem uma estátua de ouro: obedeceram. A estátua tinha cerca de noventa pés de altura por nove de largura. Foi

colocada sobre um pedestal proporcionado, no meio da planície de Dura, vizinha de Babilônia.

Logo o orgulhoso potentado baixou um decreto, pelo qual ordenava a todos os governadores de província, a todos os generais de exército, a todos os oficiais, a todos os funcionários do império, que se reunissem em Babilônia e viessem adorar a estátua. No dia da adoração universal, todos deviam, ao som de mil instrumentos de música, fazer não apenas a genuflexão simples, mas a genuflexão dupla, isto é, prostrar-se com a fronte por terra diante da estátua do monarca.[2]

No meio desse brilhante povo de escravos, só os três jovens hebreus ficaram de pé, imóveis. Os seus inimigos o perceberam e avisaram Nabucodonosor. Cego de cólera, este manda trazer Sidrac, Misac e Abdênago.

> *É verdade, Sidrac, Misac, e Abdénago, que vós não honrais os meus deuses, e não adorais a estátua de ouro, que eu erigi? [...] se porém a não adorardes, na mesma hora sereis lançados numa fornalha de fogo ardente: E quem é o Deus que vos poderá livrar da minha mão?*

Essa fornalha estava preparada para queimar vivos todos os que ousassem desprezar a ordem do rei.

Os jovens hebreus responderam:

> *O nosso Deus, a quem nós adoramos, pode tirar-nos da fornalha do fogo ardente, e livrar-nos, ó rei, das tuas mãos.*

A essas palavras Nabucodonosor perde o domínio de si. Manda prender os três servos de Deus, ordena que se aqueça sete vezes mais do que de costume a ardente fornalha, cuja chama se eleva até as nuvens, e manda os mais robustos soldados de seu exército atarem os pés e as mãos das três vítimas e lançá-las na fornalha: o que foi executado.

Do alto de seu trono, Deus via o que se passava. Enquanto na terra tantos milhares de escravos dobravam o joelho diante de um ídolo, outra Genuflexão se fazia no céu. O Todo-Poderoso chama um anjo, que dobra o joelho diante dele e desce à fornalha, cujas chamas transforma em orvalho refrescante. Os laços dos jovens condenados são consumidos num instante; eles próprios passeiam tranquilamente no meio das chamas inofensivas e cantam os louvores de seu libertador.[3]

Reparaste, meu caro amigo, nessa fornalha acesa ao lado da estátua? Assim como Deus mantém acesos fogos eternos para os que obstinadamente se recusam a adorá-lo, Satanás, macaco de Deus, sempre teve ao lado de seus ídolos um inferno preparado para os que ousassem desobedecer-lhe. Leões, tigres, leopardos, cadafalsos, fogueiras, mil gêneros de suplícios na antiguidade; e ainda hoje: perseguições sangrentas, calabouços, afogamentos: é o inferno que ele

mantém sempre pronto para os corajosos desprezadores de suas culpáveis vontades.

Fiquemos ainda em Babilônia. Vamos ver ali novas Genuflexões angélicas, não menos admiráveis que a precedente.

V. — Com a morte violenta do sacrílego Baltasar, a monarquia dos Assírios caíra em poder dos Medos e dos Persas. Um dos filhos do cativeiro, Daniel, era célebre em todo o império e gozava na corte do mais alto favor. O novo rei, Dario, pensava em estabelecê-lo vice-rei do reino.

A intenção do príncipe mal se tornou conhecida, e os inimigos de Daniel, invejosos de uma elevação que humilhava o seu orgulho, resolveram perdê-lo. Sabiam que Daniel, tão fiel a seu Deus quanto a seu rei, prostrava-se três vezes ao dia para adorar o Senhor. Príncipes e sátrapas reuniram-se, pois, e dirigiram a Dario uma súplica, pela qual seria proibido a quem quer que fosse adorar outro Deus que não ele mesmo, durante trinta dias, sob pena de ser lançado na cova dos leões. Dario acolheu o pedido.

Sem fazer caso do decreto, nem da morte que lhe servia de sanção, Daniel continuou a prestar ostensivamente suas homenagens ao Deus de seus pais. Logo os inimigos foram preveni-lo, e Dario ficou transtornado com a notícia, porque amava muito a Daniel. Mas que fazer? Segundo os costumes dos Medos e dos Persas, os decretos reais eram irrevogáveis. Bem a contragosto, Dario viu-se, pois, obrigado a deixar lançar Daniel na cova dos leões.

> *Daniel, disse-lhe com afeição, tem confiança: o teu Deos, que incessantemente adoras, elle te livrará.*[4]

Não parou aí. Receando que os inimigos de Daniel tentassem alguma coisa contra ele, Dario veio ele mesmo selar com o seu selo a pedra que fechava a caverna dos leões; depois retirou-se de lágrimas nos olhos e passou a noite sem sono. De manhãzinha correu à caverna e, com voz trêmula de emoção, bradou:

> *Daniel, servo do Deos vivente, dar-se-ha caso, que o teu Deos, a quem tu incessantemente serves, te podesse livrar dos leões?*

— «*Sim, príncipe*», respondeu Daniel.

Como e por quem fora operada essa milagrosa libertação? O Senhor chamara um anjo que, para receber as suas ordens, fizera a Genuflexão diante dele e viera fechar a boca dos leões. Daniel sabia o que se passara no céu; e, nestes termos, deu contas a Dario:

> *O' rei, vive eternamente: O meu Deos enviou o seu anjo, e fechou as bocas aos leões, e elles me não fizerão mal algum.*[5]

O mesmo não aconteceu com os inimigos de Daniel. Por ordem de Dario, precipitados na caverna dos leões, nem chegaram a tocar o fundo e já eram despedaçados pelos terríveis animais.

Minha intenção, caro Frederico, era terminar hoje a história abreviada das Genuflexões angélicas no Antigo Testamento; mas uma circunstância imprevista obriga-me a suspender a narração.

Um de nossos bravos montanheses, rapaz cheio de fé e de candura, veio dizer-me:

> *Certos indivíduos, vestidos de pano fino e estranhos à região, percorrem as nossas paróquias permitindo-se atacar a religião e negar todas as verdades que nos ensinam.*

> *Dê-me, pois, por favor, uma prova popular da existência de Deus, em particular; dentro de pouco terei ocasião de servi-la a um desses negadores.*

*— «Com prazer, disse-lhe eu: dar-lhe-ás a prova do árabe.»*

Um pretenso ateu dizia a um árabe: *«Como podes crer na existência de Deus, se não o vês?»* O filho do deserto respondeu:

> *Quando vejo impressa na areia a pegada de um leão, digo: um leão passou por aqui. Sem dúvida não o vejo, mas estou tão certo de sua existência como se o visse. Do mesmo modo, quando vejo impresso na fronte de todas as criaturas o selo de Deus, que não vejo, estou tão certo de sua existência como se o visse. Não é o selo do homem nem do acaso que vejo impresso na fronte do sol, e tampouco no talo de erva; mas o selo de um poder, de uma sabedoria e de uma bondade infinitos, o selo de Deus; e eu o vejo como vejo o meu rosto num espelho.*

*«Obrigado, disse-me o meu excelente rapaz, estou armado; que ele venha agora.»*

Com isso o deixei, como te deixo a ti mesmo até amanhã.

Todo teu.

**Notas**

[1] *Quos constituisti super opera regionis Babylonis.* — «que tu constituíste superintendentes dos negócios da Província de Babilônia» (Dn 3, 12).

[2] *Cadentes omnes populi, tribus, et linguæ adoraverunt statuam auream, quam constituit Nabuchodonosor rex.* — «Prostrando-se em terra todos os povos, tribos, e gentes de tôdas as línguas adoraram a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor tinha levantado» (Dn 3, 7).

[3] «Mas êles passeavam pelo meio das chamas, louvando a Deus, e bendizendo ao Senhor» (Dn 3, 24).

[4] *Dixitque rex Danieli: Deus tuus, quem colis semper, ipse liberabit te.* — «E o rei disse a Daniel: O teu Deos, que incessantemente adoras, elle te livrará» (Dn 6, 16).

[5] *Rex, in æternum vive. Deus meus misit angelum suum et conclusit ora leonum et non nocuerunt mihi.* (Dn 6, 21-22).

---

Revision #1
Created 24 November 2026 01:13:27 by Admin
Updated 24 November 2026 01:13:27 by Admin